

GISELE APARECIDA BARBOSA

DA APATIA À PROBLEMATIZAÇÃO: PERCURSOS INVESTIGATIVOS SOBRE OS
LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA APROVADOS NO PNLD 2011.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de
História, da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como
requisito à obtenção do título de
licenciatura em História.

Orientador: Prof^o. Dr^o Fernando Perlatto Bom Jardim

Juiz de Fora

2017

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Perlatto pelo tempo dedicado, paciência, incentivo e confiança.

Agradeço ainda aos professores do departamento de Educação, em especial Sonia Miranda, Yara Alvim, Geruza Volpe e Anderson Ferrari pelas contribuições valiosas durante meu processo de formação, pela escuta sempre que foi necessário através de um olhar sensível diante de tantas dificuldades que tive para concluir o curso.

Minha gratidão também a UFJF pela estrutura oferecida e o ensino de qualidade.

Aos meus colegas de curso, Maria, Luanne, Meiriele, Tathiana, Maicon, Deneval, Louise, Pedro Henrique e Mariana, pessoas que certamente tornaram mais prazerosos estes anos de graduação e de quem sempre lembrarei com afeto, meu muito obrigada.

Por último, e tão importante, agradeço à minha família pelo amor incondicional, apoio e conselhos.

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar sete diferentes livros didáticos aprovados no PNLD 2011. Tais livros foram escolhidos rigorosamente pela Prof^a. Dr^a. Sonia Regina Miranda, na disciplina Metodologia de Ensino de História, oferecida para o curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os mesmos foram selecionados em função de critérios que mesclam vendagem e aceitação no mercado, inovação pedagógica e alternativas ao desenvolvimento didático. O olhar investigativo é centrado a um tema comum: A ECONOMIA COLONIAL BRASILEIRA, e a partir disso, as interpretações serão focalizadas em torno de três grandes eixos: a questão historiográfica e suas implicações para a construção do pensamento histórico na criança e no jovem; o tratamento das imagens e a construção de perspectivas de verdade; exercícios, atividades e recursos de problematização do presente; O resultado dessa análise, possibilita realizar um movimento de desnaturalização sobre a ingenuidade que, nós professores em formação possuímos sobre esse objeto de trabalho, além das diversas facetas mercadológicas que movimenta a escolha de tais obras, por isso esse percurso se faz importante principalmente no que tange uma formação como professora preocupada em desenvolver concepções críticas.

Palavras-chave: Programa Nacional do Livro Didático; ensino de história; economia colonial brasileira.

Introdução

Ao longo do semestre do ano de 2015 em uma disciplina chamada Metodologia do Ensino de História, ministrada pela professora Sonia Regina Miranda da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, tive a maravilhosa oportunidade de compreender todos os elementos envolvidos nessa análise, que é de extrema minuciosidade. Quantas pessoas estão envolvidas em todo o processo e o quão é dinâmico. Requer estudo, conhecimento específico da área analisada, atenção e discernimento.

Nesse sentido, tomando consciência, muitas vezes não perceptível no ambiente escolar que o livro didático é um objeto comercial, embora, tenhamos muitas pessoas capazes de desenvolver um ótimo trabalho para que eles cheguem até às escolas como portadores de assistência para o professor, muitos atrativos comerciais estão envolvidos, ou seja, não se trata de um objeto que contenha “ingenuidade”.

Nesta análise, o objetivo é apresentar como uma estudante de História, em processo final da graduação avalia sete livros didáticos que fazem parte de coleções distintas aprovados no PNLD 2011 (foram aprovadas 15 coleções de acordo com o Guia), sobre o recorte do conteúdo “Economia Colonial Brasileira”, observando que algumas coleções tratam a temática em mais de um volume. Conforme a tabela:

COLEÇÃO	ANO/SÉRIE
HISTÓRIA, SOCIEDADE E CIDADANIA	7º ANO E 8º ANO
HISTÓRIA E VIDA INTEGRADA	7º ANO E 8º ANO
HISTÓRIA EM DOCUMENTO	7º ANO
HISTÓRIA TEMÁTICA	7º ANO
VONTADE DE SABER	7º ANO
HISTÓRIA EM PROJETOS	7º ANO
PROJETO ARARIBÁ	7º ANO

O que desejo, é realizar uma inserção capaz de trazer elementos comparativos e as particularidades de cada coleção, pois sabemos que se foram escolhidas já possuem elementos essenciais para chegar aos estudantes. Nessa análise teremos a oportunidade de abarcar três grandes eixos: historiografia, imagens e exercícios e atividades de diálogo com o universo de saberes docentes, bem como interações entre passado e presente, baseados no texto base do livro: **História geral do Brasil, capítulo 5- O Império escravista e a república dos plantadores, de João Luís**

Fragoso, cujo objetivo principal é desestruturar a História tradicional, para que possamos compreender a dinâmica colonial e o escravismo, as redes de circulação regional, a estrutura agroexportadora. Todo o processo de sucessão, simultaneidade e duração, pois não se trata meramente de sequências. Trata-se de um processo complexo e dinâmico.

Um aspecto importante para a concepção desses três grandes eixos é a forma como a historiografia trabalha esse assunto, que de certa forma, vem se renovando com novos vieses de observação e a maneira como essa temática chega às mãos dos alunos através do livro didático, pois se trata de um instrumento de trabalho para o desenvolvimento do movimento de reflexão e sensibilização do estudante dentro do ambiente escolar.

Assim, será possível deixar impressões sobre o assunto abordado durante meu processo de formação com professora. O interesse é demonstrar o olhar de uma futura professora de História, especialmente pelo viés do intuito de atuar na rede pública, me debruçando sobre sete diferentes coleções com o respectivo tema, e o quanto expressivo esse tema pode ser exposto ou não nos livros didáticos.

Capítulo 1-Breve histórico do PNLD

Durante o processo de redemocratização no Brasil, a partir do final da década de 1970, foram realizados diversos trabalhos sobre o livro didático, e identificados problemas que estavam ligados diretamente com a qualidade da educação brasileira. Esses trabalhos foram de fundamental importância para sistematizar as avaliações feitas pelo Ministério da Educação através das Universidades.

O modelo que temos hoje como avaliações e distribuição dos livros didáticos através do Programa Nacional do Livro Didático estima-se que seja o maior do mundo, e compreende um esforço intensivo governamental em parceria com as Universidades, e principalmente após a criação dos programas de pós-graduação. Se antes concentrados em leis e currículos, as avaliações se esforçam cada vez mais pela relação dos livros e a internalidade da sala de aula.

Dessa forma, para compreendermos como se deu esse longo processo, seguiremos em uma linha do tempo elaborada a partir dos principais governos que contribuíram para a criação e aprimoramento da política do livro didático.

Tais dados estão disponibilizados no site do Ministério da Educação no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento e Educação.¹

¹ Disponível em: <http://www.fnnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>

Getúlio Vargas

1937 - O Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937, cria o Instituto Nacional do Livro.

1938 - Por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, é instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), estabelecendo sua primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no País.

1945 - Pelo Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45, é consolidada a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º.



Regime militar

1966 - Um acordo entre o MEC e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) permite a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted), com o objetivo de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático. O acordo assegurou ao MEC recursos suficientes para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de três anos. Ao garantir o financiamento do governo a partir de verbas públicas, o programa adquiriu continuidade.

1970 - A Portaria nº 35, de 11/3/1970, do Ministério da Educação, implementa o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro (INL).

1971 - O Instituto Nacional do Livro (INL) passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros até então a cargo da Colted.

1976 - Pelo Decreto nº 77.107, de 4/2/76, o governo assume a compra de boa parcela dos livros para distribuir a parte das escolas e das unidades federadas.

1983 - Em substituição à Fename, é criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que incorpora o Plidef.

1985 - Com a edição do Decreto nº 91.542, de 19/8/85, o Plidef dá lugar ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que traz diversas mudanças, como:

- Indicação do livro didático pelos professores;
- Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;
- Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias;
- Fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores.



Itamar Franco

1992 - A distribuição dos livros é comprometida pelas limitações orçamentárias e há um recuo na abrangência da distribuição, restringindo-se o atendimento até a 4ª série do ensino fundamental.

1993 - A Resolução CD FNDE nº 6 vincula, em julho de 1993, recursos para a aquisição dos livros didáticos destinados aos alunos das redes públicas de ensino, estabelecendo-se, assim, um fluxo regular de verbas para a aquisição e distribuição do livro didático.

1993/1994 - São definidos critérios para avaliação dos livros didáticos, com a publicação "Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos" MEC/FAE/UNESCO.

1995 - De forma gradativa, volta a universalização da distribuição do livro didático no ensino fundamental. Em 1995, são contempladas as disciplinas de matemática e língua portuguesa. Em 1996, a de ciências e, em 1997, as de geografia e história.

Fernando Henrique Cardoso

1995 - De forma gradativa, volta a universalização da distribuição do livro didático no ensino fundamental. Em 1995, são contempladas as disciplinas de matemática e língua portuguesa. Em 1996, a de ciências e, em 1997, as de geografia e história.

1996 - É iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro "Guia de Livros Didáticos" de 1ª a 4ª série.

1997 - Com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

2000 - É inserida no PNLD a distribuição de dicionários da língua portuguesa para uso dos alunos de 1ª a 4ª série em 2001 e, pela primeira vez na história do programa, os livros didáticos passam a ser entregues no ano anterior ao ano letivo de sua utilização.

2001 - O PNLD amplia, de forma gradativa, o atendimento aos alunos com deficiência visual que estão nas salas de aula do ensino regular das escolas públicas, com livros didáticos em braille. Atualmente, esses alunos são atendidos também com livros em libras, caractere ampliado e na versão MecDaisy.

2002 - Com o intuito de atingir em 2004 a meta de que todos os alunos matriculados no ensino fundamental possuam um dicionário de língua portuguesa para uso durante toda sua vida escolar, o PNLD dá continuidade à distribuição de dicionários para os ingressantes na 1ª série e atende aos estudantes das 5ª e 6ª série. Em 2002, foi executado o PNLD 2003.

Anos Iniciais – 1ª reposição e complementação (plena para 1ª série consumível);

Anos Finais – distribuição integral.



Luiz Inácio Lula da Silva

2003 - O PNLD distribuiu dicionários de língua portuguesa aos ingressantes na 1ª série e atende aos alunos das 7ª e 8ª séries. É distribuído, também, Atlas Geográfico para as escolas que possuem, concomitantemente, EJA e turmas de 5ª a 8ª série do ensino regular. É publicada a Resolução CD FNDE nº. 38, de 15/10/2003, que institui o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). Com execução em 2003, o PNLD 2004 atendeu aos alunos do ensino fundamental.

Anos Iniciais – 2ª reposição e complementação (plena para 1ª série consumível);

Anos Finais – 1ª reposição e complementação.

2004 – Para o PNLD 2005, foi feita aquisição e distribuição de livros didáticos para os alunos de 1ª a 4ª série, para reposição e complementação, e a última reposição e complementação do PNLD 2002 aos alunos de 5ª a 8ª série. O atendimento do Ensino Médio foi instituído progressivamente. Em 2004, seu primeiro ano de execução, foram adquiridos livros de matemática e português para os alunos do 1º ano do Norte e do Nordeste.

Além disso, 2004 é o ano de criação de uma ferramenta importante para a execução do PNLD, o Siscort, sistema direcionado a registrar e controlar o remanejamento de livros e a distribuição da Reserva Técnica.

Anos Iniciais – distribuição integral;

Anos Finais – 2ª Reposição e complementação.

2005 - Em caráter de reposição e complementação, são distribuídos livros didáticos de todos os componentes curriculares para os alunos do ensino fundamental, sendo plena a complementação dos livros consumíveis de 1º ano. No âmbito do PNLEM, houve distribuição de livros de português e matemática para todos os anos e regiões. Ainda em 2005, foram incluídas no sistema Siscort as turmas de 5ª a 8ª série.

Luiz Inácio Lula da Silva

2006 - Distribuição de livros didáticos de todos os componentes curriculares para o 1ª segmento do ensino fundamental (1ª à 4ª série/1º ao 5º ano), no âmbito do PNLD 2007, e a segunda reposição e complementação do PNLD/2004 (5ª à 8ª série/6º ao 9º ano). No PNLEM, houve reposição e complementação dos livros de matemática e português, distribuídos anteriormente, além da compra integral dos livros de biologia.

Anos Iniciais – 2ª reposição e complementação (plena para 1ª série consumível);

Anos Finais – 1ª reposição e complementação

Ensino Médio – distribuição parcial (matemática e português para todos os anos e regiões do país).

2007 - Com a publicação da resolução CD FNDE 18, de 24/04/2007, é regulamentado o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), para distribuição, a título de doação, de obras didáticas às entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), com vistas à alfabetização e à escolarização de pessoas com idade de 15 anos ou mais.

Anos iniciais – distribuição integral;

Anos Finais – 2ª reposição e complementação Ensino Médio – distribuição parcial (integral para biologia mais reposição e complementação de matemática e português).

2008 - Para utilização em 2009, houve aquisição e distribuição, em caráter de complementação e reposição, dos livros didáticos anteriormente distribuídos aos alunos e todo o ensino fundamental (sendo plena para 1ª série consumível). No âmbito do ensino médio, houve atendimento integral.

Anos Iniciais – 1ª reposição e complementação (plena para 1ª série consumível);

Anos Finais – distribuição integral;

Ensino Médio – distribuição parcial (integral para química e história mais reposição e complementação de matemática, português e biologia).

Luiz Inácio Lula da Silva

2009 - São publicadas duas importantes resoluções. A primeira, a resolução CD FNDE nº. 51, de 16/09/2009, regulamentando o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). A segunda, resolução CD FNDE nº. 60, de 20/11/2009, estabelece novas regras para participação no PNLD: a partir de 2010, as redes públicas de ensino e as escolas federais devem aderir ao programa para receber os livros didáticos.

Anos Iniciais – 2ª reposição e complementação (plena para 1ª série consumível);

Anos Finais – 1ª reposição e complementação

Ensino Médio – distribuição integral de matemática, português, biologia, física e geografia, mais reposição e complementação de química e história.

2010 - o atendimento à EJA foi ampliado, com a incorporação do PNLA ao PNLD EJA. Assim, passaram a ser atendidos os alunos de 1º ao 9º ano das escolas públicas e entidades parceiras do PBA. Nesse ano foram investidos R\$20 milhões na aquisição e distribuição de mais de 2 milhões de livros direcionados à alfabetização.

Publicado o Decreto nº. 7.084, de 27/01/2010, que dispõe sobre os procedimentos para execução dos programas de material didático: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

Anos Iniciais – distribuição integral;

Anos Finais – 2ª reposição e complementação;

Ensino Médio – 1ª reposição e complementação.

2010 - o atendimento à EJA foi ampliado, com a incorporação do PNLA ao PNLD EJA. Assim, passaram a ser atendidos os alunos de 1º ao 9º ano das escolas públicas e entidades parceiras do PBA. Nesse ano foram investidos R\$20 milhões na aquisição e distribuição de mais de 2 milhões de livros direcionados à alfabetização.



Dilma Rousseff

2011 - O FNDE adquiriu e distribuiu integralmente livros para o ensino médio, inclusive na modalidade Educação de Jovens e Adultos. Foram distribuídos ainda livros para os alunos do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos, conforme previa a Resolução CD FNDE nº. 51 de 2009.

Anos Iniciais – 1ª reposição e complementação (plena para alfabetização linguística e alfabetização matemática de 1º e 2º ano);

Anos Finais – distribuição integral (incluindo língua estrangeira);

Ensino Médio – 2ª reposição e complementação.

2012 - O PNLD 2012 é direcionado à aquisição e à distribuição integral de livros aos alunos do ensino médio (inclusive na modalidade Educação de Jovens e Adultos), bem como à reposição e complementação do PNLD 2011 (6º ao 9º ano do ensino fundamental) e do PNLD 2010 (1º ao 5º ano do ensino fundamental).

Publicado edital para formação de parcerias para estruturação e operação de serviço público e gratuito de disponibilização de materiais digitais a usuários da educação nacional.

Foi lançado em 2012 o edital que prevê que as editoras podem apresentar obras multimídia, reunindo livro impresso e livro digital.

Capítulo 2- Livro didático e o Ensino de História

O livro didático é um importante e potente elemento do contexto educacional, por isso, já se institucionalizou, se apresentando como algo naturalizado, que “constitui” o processo de educação: “não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotimizáveis” (SILVA, 1996, p. 8). E sua importância engloba aspectos pedagógicos, econômicos, políticos e culturais, sendo mais evidenciada em países como o Brasil, em que a precária situação educacional, como a desvalorização do ensino público e a falta de qualificação profissional do educador “faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina” (LAJOLO, 1996, p.4).

No meio acadêmico é ainda notável o desinteresse por parte de historiadores em relação ao livro didático, contudo essa associação vem se modificando de uns quarenta anos pra cá, na medida que o campo do ensino de história se torna cada vez mais abrangente, ganhando consistência e relevância com um leque de possibilidades para a produção científica e se difundindo sobre as diversas instâncias da sociedade.

Assim, pensando nesse ambiente das pluralidades de ideias que refletem posturas críticas do campo historiográfico, fomentadas pelo aparato sócio-cognitivo-político, o livro didático é incorporado e atua de forma mais incisiva, com enorme possibilidade sobre o projeto pedagógico e a construção didática em sala de aula. Portanto, atua em dois sentidos que são intrínsecos e construídos: discurso/ideologia e políticas governamentais/interesse econômico. (OLIVEIRA, 2008).

Criticados muitas vezes, considerado os culpados pelas mazelas do ensino de História, os livros didáticos são, invariavelmente, um tema polêmico, pois tem se revelado como um instrumento a serviço da ideologia e da perpetuação de ensino tradicional (BITTENCOURT, 2008), tais rejeições são apontadas principalmente pelas deficiências de conteúdo, suas lacunas e erros conceituais ou informativos.

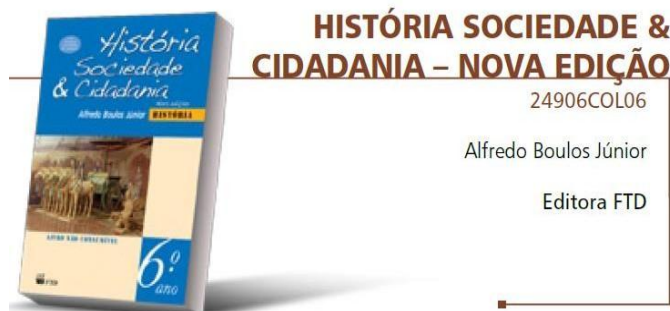
De acordo com o pesquisador Alain Choppin: “É de se destacar ainda que os livros escolares assumem, conjuntamente ou não, múltiplas funções: o estudo histórico mostra que os livros didáticos exercem quatro funções essenciais, que podem variar consideravelmente segundo o ambiente sociocultural, à época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização.” 1. *Função referencial*; 2. *Função*

instrumental; 3. *Função ideológica e cultural*; 4. *Função documental*. (CHOPPIN, 2004, p. 552-553)

O uso do livro didático tem função coexistente: pois não é único enquanto instrumento de ensino-aprendizagem, faz parte de dimensões e complexidades, abordados com base em uma perspectiva multidisciplinar. Sendo assim, pelo olhar do historiador/professor quais relações podemos identificar com base na concepção de tempo histórico, na renovação historiográfica, nas fontes históricas e uso de conceitos?

Capítulo 3- Ficha técnica de cada coleção de acordo com o Guia de Livros Didáticos- PNLD 2011 pelo qual as obras foram analisadas.

Resenha das coleções:



Volume 1- 6º ano: Contém 304 páginas e 15 capítulos distribuídos em 5 unidades. Discute-se História, Cultura e Tempo; Origem do Ser Humano, Primeiros Povoadores da Terra e Pré-História Brasileira; Civilizações da África e do Oriente, como Mesopotâmia, Egito, Núbia e o Reino Kush, Hebreus, Fenícios, Persas e China; Civilizações do Ocidente, como Grécia e Roma Antiga; Formação do Império Bizantino.

Volume 2 - 7º ano: Possui 288 páginas e 15 capítulos em 4 unidades. Aborda temas sobre: Europa Medieval; Árabes e Islamismo; África Negra Antes dos Europeus, como o Império Mali e o Reino Congo; China Medieval; Mudanças no Feudalismo na Europa; Renascimento e Humanismo; Reforma e Contrarreforma; Grandes Navegações; América Antes da Chegada dos Europeus, com Astecas, Maias, Incas e Povos Indígenas no Brasil; Colonização Espanhola e Portuguesa na América; Economia e Sociedade Colonial no Brasil.

Volume 3 - 8º ano: Tem 320 páginas e 16 capítulos distribuídos em 4 unidades. Apresenta a Sociedade Mineradora da América Portuguesa, além da Dominação e Resistências dos Africanos no Brasil; Revoluções na Europa, Iluminismo, Formação dos Estados Unidos, Revolução Francesa e a Era Napoleônica; Independências na América, sobretudo no Brasil; do Reinado de D.Pedro I à Proclamação da República; Estados Unidos no Século XIX.

Volume 4 - 9º ano: Possui 320 páginas e 19 capítulos em 6 unidades. Traz informações sobre: Imperialismo do Século XIX, Industrialização Entre os Séculos XIX e XX; Primeira

Guerra Mundial e Revolução Russa; Início da República no Brasil; Grande Depressão, Totalitarismo, Segunda Guerra Mundial e Primeiro Governo Vargas; Guerra Fria, Processos de Independência na África e Ásia, Socialismo Real na China, Vietnã e América Latina; Conflitos no Oriente Médio; Populismo e Ditadura no Brasil; Nova Ordem Mundial com o Fim da URSS e Brasil Contemporâneo.

HISTÓRIA E VIDA INTEGRADA

24903COL06

Nelson Piletti
Claudino Piletti
Thiago Tremonte de Lemos

Editora Ática



Volume 1 - 6º ano: 208 páginas, 19 capítulos. Inicia-se por uma Introdução ao Estudo da História. Aborda a temática da Origem da Humanidade, O Povoamento da América, Povos Antigos do Oriente, como Mesopotâmia, Egito, Pérsia, Fenícios, Hebreus, Índia e China, com destaque para o capítulo sobre a África Antiga, no qual são tratados a Diversidade das Áfricas, O Reino de Kush, Cartago e o Império Axum. Segue com Grécia e Roma e finaliza o volume com o tratamento da Formação do Cristianismo, dos Reinos Romano- Germânicos, do Império Bizantino e do Império Islâmico.

Volume 2 - 7º ano: 224 páginas, 20 capítulos. Inicia-se pela Sociedade Feudal, Império Carolíngio e Cruzadas, com destaque para o capítulo acerca da Produção da Cultura no Mundo Feudal. Aborda o Processo de Constituição do Mundo Moderno, analisando questões políticas, comerciais, culturais e religiosas, com Renascimento, Centralização Monárquica, Reforma e Contrarreforma, Expansão Marítima, Absolutismo, Mercantilismo e Estruturação do Empreendimento Colonial na América Portuguesa, com detalhamento das questões econômicas, administrativas e sociais da Colonização do Brasil e da Sociedade Colonial.

Volume 3 - 8º ano: 272 páginas, 21 capítulos. Começa com o tratamento da América Portuguesa nos Séculos XVI e XVII, analisa a Economia e a Sociedade Mineradora, a Expansão Pecuária; as Modificações no Território com o processo de interiorização e a Ação da Igreja Católica na América Portuguesa. Em seguida, analisa o Iluminismo, a

Revolução Industrial, a Revolução Francesa e a Era Napoleônica, as Mudanças no Contexto das Independências na América Portuguesa e Espanhola, os Movimentos Sociais e os Processos de Unificação na Europa, o Neocolonialismo na África e Ásia e, por fim, a Crise do Regime Monárquico e os Anos Iniciais da República no Brasil.

Volume 4 - 9º ano: 272 páginas, 25 capítulos. O volume alterna, em termos temáticos, História Geral e do Brasil. Quanto à História Geral, apresenta os temas tradicionalmente abordados: Primeira e Segunda Guerra, Revolução Russa, Crise de 1929, Totalitarismos, Guerra Fria, Descolonização da Ásia e da África, Socialismo no Mundo e Globalização, com destaque para temas como África Contemporânea e Arte no Século XX. No que se refere à História do Brasil, são abordados os temas: República Velha, Tenentismo, Era Vargas, Ditadura Militar, Redemocratização, além de outros como Cultura Brasileira em Tempos de Ditadura, Atuação dos Movimentos Sociais em Questões Sobre Terra, Indígenas, Trabalho Infantil e Racismo.



Volume 1 - 6º ano: 272 páginas e 20 capítulos distribuídos por 6 unidades. Aborda: Iniciação ao Trabalho do Historiador e à Questão do Tempo; Primeiros Homens e Mulheres; Povoamento da América e Seus Primeiros Habitantes; Antiguidade Oriental, com Mesopotâmia, Hebreus, Fenícios, Persas, Egito, Reinos Africanos Além do Saara e Reino de Kush,; Antigos Povos na América, Culturas Andinas; Antigos Povos da Ásia: Índia e China; Antiguidade Clássica, Grécia, Cultura Helenística, Roma e Fim do Império Romano, Legado Cultural ao Ocidente.

Volume 2 - 7º ano: 304 páginas e 20 capítulos distribuídos por 6 unidades. Aborda: Império Bizantino, Feudalismo Medieval, Expansão Islâmica, Civilizações Americanas Antes da Chegada dos Europeus, Reinos Africanos, Turquia, Índia, China e Japão, Transformações do Feudalismo a Partir do Século XII, Igreja e Cultura na Idade Média,

Formação de Portugal, Expansão Marítima Europeia, Colonização da América e do Brasil, Renascimento, Reforma e Contrarreforma, Absolutismo Europeu, Brasil Colonial.

Volume 3 - 8º ano: 287 páginas e 19 capítulos distribuídos por 5 unidades. Apresenta: Época Moderna – Crise do Antigo Regime; Iluminismo; Reações e Independências nas Américas; Revoluções Burguesas; Revolução Industrial; Expansão Napoleônica; Brasil Imperial; Transformações Sociais, Culturais e Econômicas do Século XIX; Nacionalismos do Século XIX; Imperialismo; Transição do Império à República no Brasil.

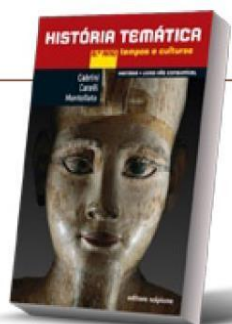
Volume 4 - 9º ano: 320 páginas e 20 capítulos distribuídos por 4 unidades. Discute: Época Contemporânea: Primeira República no Brasil e Movimentos Sociais; Ações Populares no México, África e Índia; Revolução Russa e Movimento Operário no Brasil e no Mundo; Primeira Guerra Mundial; Crise de 1929; Transformações na República Brasileira; Emergência dos Totalitarismos; Era Vargas; Segunda Guerra Mundial; Brasil e o Mundo Durante a Guerra Fria; Governos Militares no Brasil; Abertura e Nova República; Mundo Pós-1989: Fim da Guerra Fria; Os Governos de FHC e de Lula; Dilemas do Mundo no Século XXI.

HISTÓRIA TEMÁTICA

24907COL06

Conceição Aparecida Cabrini
Roberto Catelli Júnior
Andrea Rodrigues Dias Montellato

Editora Scipione

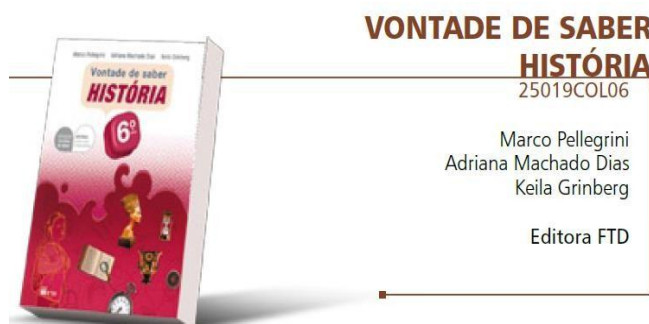


Volume 1 - 6º ano: Em 4 unidades, 11 capítulos, 200 páginas, aborda o eixo Tempos e Culturas. Inicia-se pelos Fundamentos da História: História e Memória, O Que É Tempo; Surgimento do Homem, Transformações do Ser Humano, Diferenças Entre o Homem e os Outros Animais, bem como Modo de Vida dos Primeiros Habitantes, Cidades Ontem e Hoje, Papel da Escrita.

Volume 2 - 7º ano: Em 4 unidades, 10 capítulos e 216 páginas, aborda o eixo Diversidade cultural e conflitos. Discute: Os Mitos e as Grandes Navegações; Estado Português e Navegações, os Indígenas do Brasil; Conflito, Dominação e Resistência no Brasil Colonial; Espanhóis e Astecas, Espanhóis e Incas e Timor Leste; Construção da Sociedade Colonial, Ocupação e Colonização no Brasil, Vida no Brasil Colonial; Trabalho e resistência, a Escravidão nas Américas Espanhola e Portuguesa; a Escravidão na Atualidade e na Antiguidade; África do Período Pré- Colonial ao Apartheid.

Volume 3 – 8º ano: Em 3 unidades, 12 capítulos e 256 páginas, apresenta o eixo Terra e propriedade. Discute: Propriedade no Presente e no Passado, Povos Indígenas, Origem da Propriedade no Brasil, Roma Antiga, Idade Média e Capitalismo; Propriedade, Poder e Religiosidade, Formação do Estado Moderno, Reformas Religiosas, Revoluções Inglesas do Século XVII; Terra, Política e Protesto no Brasil, Independência Política, Império Brasileiro, Primeira República.

Volume 4 – 9º ano: Em 3 unidades, 11 capítulos e 272 páginas, aborda o eixo Mundo dos cidadãos. Discute: Os Cidadãos e os Excluídos, Globalização, Direitos à Cidadania na Grécia Antiga e Revolução Francesa, Iluminismo, Princípios do Liberalismo; O Mundo do Trabalho, Primeiras Fábricas, Industrialização no Brasil, Movimento Operário e Socialismo; Autoritarismo e Democracia, As Duas Guerras Mundiais, Era Vargas, Ditadura e Democracia.



Volume 1 - 6º ano: 192 páginas. Aborda: Origem dos Seres Humanos e o povoamento da América; Antiguidade Oriental, com o tratamento de Egípcios, Povos da Mesopotâmia, Fenícios, Hebreus, Persas, Chineses e Povos Africanos na Antiguidade; Gregos, Romanos e Cultura Clássica.

Volume 2 - 7º ano: 208 páginas. Temas tratados: Declínio do Império Romano, Expansão do Islã, Época Medieval a Partir do Império Carolíngio, Povos Americanos Antes da Chegada dos Europeus, Reinos Africanos no Período Medieval, Europa Moderna a Partir do Renascimento, Grandes Navegações, Reformas Religiosas e Absolutismo, Colonização Espanhola e Portuguesa na América e Expansão das Fronteiras da Colônia Portuguesa na América.

Volume 3 - 8º ano: 208 páginas. Temas: Antigo Regime, Iluminismo Revolução Americana, Revolução Francesa e Império Napoleônico, Revolução Industrial, Independências na América e no Brasil, Estado Nacional Brasileiro, Segundo Reinado, Transição da Monarquia à República no Brasil e África no Século XIX.

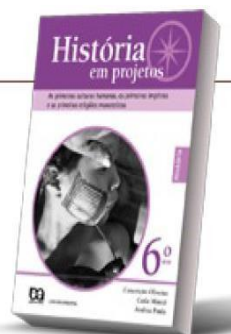
Volume 4 - 9º ano: 224 páginas. Temas: Segunda Revolução Industrial e Imperialismo, República no Brasil, Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa, Mundo Pós-Guerra, Fim da República Velha e Era Vargas, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Independências na África, Pós-Guerra no Brasil, Ditadura Militar e Mundo Contemporâneo.

HISTÓRIA EM PROJETOS

24905COL06

Carla Miucci Ferraresi
Andrea Paula
Conceição Oliveira

Editora Ática



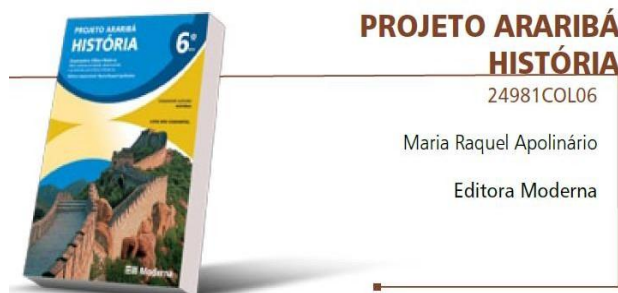
Volume 1 - 6º ano: 15 capítulos, organizados em quatro unidades, 240 páginas. A temática abordada inclui, sequencialmente: Origens da Humanidade e Primeiras populações no território brasileiro; Egito Antigo; Oriente Médio (Mesopotâmia e Hebreus); Civilizações Orientais (China e Índia); Grécia; Pérsia; Império Romano; Império Bizantino; Islã; Alta e Baixa Idade Média no Ocidente.

Volume 2 - 7º ano: 19 capítulos, organizados em quatro unidades, 272 páginas. Temas abordados: Povos e Culturas da América, Ásia e África Antes da Colonização Europeia; Continente Europeu; Encontro Entre os Povos Europeus e os da América, Ásia e África; Colonização na América, sobretudo no Brasil; Formação do Mundo Moderno na Europa;

Renascimento, Reformas Religiosas, Mercantilismo e Absolutismo; Sociedades Coloniais nas Américas; Nativos e Africanos Escravizados nas Américas; Disputas Europeias pela Colônia Portuguesa; Expansão Territorial e Crise do Sistema Colonial.

Volume 3 - 8º ano: 18 capítulos organizados em três unidades temáticas, 280 páginas. Aborda: Revoluções na Inglaterra; Iluminismo; Revolução Americana; Revolução Francesa; Primeira República Negra da História; América Portuguesa na Era das Revoluções; Império Napoleônico; Revolução Industrial; Formação de Novos Países no Novo Mundo; Relação Entre o Velho e o Novo Mundo, a partir dos temas Nacionalismo, Imperialismo, Racismo e Abolicionismo.

Volume 4 - 9º ano: Cinco unidades com 20 capítulos, 296 páginas. Temas abordados: República Brasileira; Guerras Mundiais; Guerra Fria; Descolonização da África e da Ásia; Conflitos no Oriente Médio; Populismos; Ditaduras Militares; Redemocratização na América Latina; Contracultura; Fim da Guerra Fria; Neoliberalismo; Juventude no século XXI.



Volume 1 - 6º ano: 239 páginas. Aborda: Introdução aos Estudos Históricos; Origens do Ser Humano; Surgimento das Cidades; Origens do Povoamento da América, em especial no Brasil; Mesopotâmia, Egito e Reino da Núbia; China e Índia; Fenícios e Hebreus; Civilização Grega; Civilização Romana e Crise do Império Romano.

Volume 2 - 7º ano: 248 páginas. Apresenta: Fim do Império Romano e Formação da Europa Feudal; em Mundos Além da Europa, ressalta Arábia, Expansão do Islã e Antigos Reinos na África; Transformações no Feudalismo a Partir do Século XII; Formação dos Estados Modernos Europeus, Renascimento e Reformas Religiosas; Expansão Marítima Europeia e Antigas Civilizações da América; Colonização Espanhola e Inglesa na América; Império Ultramarino Português; apresenta o Nordeste Colonial da América Portuguesa.

Volume 3 - 8º ano: 255 páginas. Apresenta: Expansão da América Portuguesa; Época de Ouro no Brasil; Revoluções Inglesas do Século XVII e a Revolução Industrial; Era da Ilustração, Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa; Era de Napoleão, Independência da América Espanhola; Independência do Brasil e Primeiro Reinado; Revoluções na Europa; Unificação da Itália e da Alemanha e Expansão dos Estados Unidos Para o Oeste; Brasil: da Regência ao Segundo Reinado.

Volume 4 - 9º ano: 271 páginas. Aborda: Expansão Colonial Capitalista e Segunda Revolução Industrial; Brasil Pós-Proclamação da República, Industrialização e Crescimento das Cidades, Reformas e Revoltas na Capital; Primeira Guerra e Revolução Russa; Crise do Capitalismo, Autoritarismo e Totalitarismo na Europa; Segunda Guerra Mundial; Era Vargas; Guerra Fria; Descolonização da África; Revoluções na Ásia; Questão Judaico-Palestina e Ditadura na América Latina; Democracia e Ditadura no Brasil; Nova Ordem Mundial; Fim da União Soviética e Poderio dos Estados Unidos; Globalização e Seus Efeitos.

3.1- Panorama geral das obras

A fim de sistematizar os dados quantitativos e ampliar as observações sobre as perspectivas em torno das obras, trabalharei com grupos, conceituados por Pierre Vilar (1985), e interpretado no artigo das historiadoras Sonia Regina Miranda e Tania Regina de Lucallde, intitulado “O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD”² identificando três possibilidades de abordagem: **visão procedimental** (“grupo de obras que apresentam uma organização de conteúdos, atividades e textos articulados de acordo com um agrupamento que se poderia designar como procedimental e, nesse sentido, valoriza a dimensão formativa que advém do procedimento histórico e do tipo de leitura e problematização de fontes que caracteriza a ação do historiador, com ênfase em habilidades relacionadas à leitura, identificação de informações, análise, comparações, bem como em discussões que priorizam um olhar sobre o contemporâneo”); **narrativa acontecimental**: (“grupo cuja seleção de conteúdos, cronologia e textos é feita segundo uma visão mais informativa”) e **visão global** (“grupo que buscar articular, com relativo

² http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200006

sucesso, as duas dimensões citadas, isto é, não abre mão da informação histórica derivada de um conhecimento socialmente acumulado, bem como dos recortes canônicos de conteúdo, mas explora também a dimensão construtiva do conhecimento histórico, problematiza as fontes, apresenta elementos que garantem a alunos e professores a compreensão acerca da dimensão de provisoriedade da explicação histórica.”)

História, sociedade e cidadania, História e vida integrada, História em documento e Vontade de saber, organizados de maneira cronológica. Seguem a tradição quadripartidária do século XIX.³ Priorizam uma narrativa acontecimental do passado, no qual se baseia no acontecimento de um fato, normalmente pautado na memória histórica eurocêntrica. Com atenção para **História em documento** que tem como característica fundamental utilizar de aproximadamente de dois a três documentos ao final da exposição de cada capítulo, para complementar o conteúdo.

História temática é organizado de maneira procedimental, e se distingue das demais por valorizar diferentes áreas do conhecimento, dialoga com o tempo presente e com isso valoriza também a discussão em torno de princípios de cidadania e participação social, estimulando a pesquisa e a integração entre professores e alunos.

História em projetos é organizado de uma maneira considerada como “visão global”, por buscar articular, a visão acontecimental e procedimental com relativo sucesso, Algo que chama muita atenção nessa coleção é maneira como é organizada visualmente, de maneira lúdica, faz com que o estudante se sinta em uma viagem histórica, possui bastantes documentos e se organiza de maneira com que não fique monótona a explicação apesar de não se desfazer cronologia, possui artifícios bem interessantes para não cair no “mais do mesmo”.

Projeto Araribá embora sua base seja a organização clássica da história e maneira cronológica, é interessante que utiliza a denominação Tema ao invés de Capítulo. Seus textos prioritariamente factuais, ou seja, dedica boa parte do seu espaço para descrever acontecimentos históricos.

Quanto aos responsáveis pela produção desse livro didático observa-se a ausência de nomes dos autores uma vez que, trata-se de um projeto “modelo” é o que se convencionou a ser chamado de “produção fordista” do livro didático, em que, os profissionais que fazem a introdução nem sempre são os mesmos que escrevem o texto

³ Divisão clássica da História em quatro grandes eixos temporais: História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea.

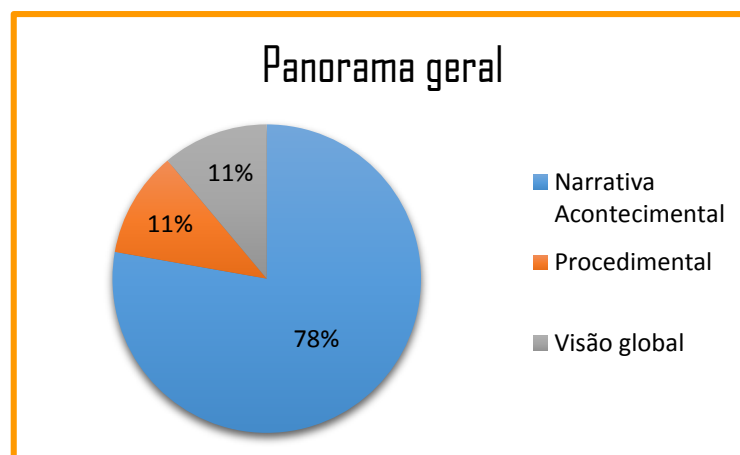
base. Trata-se de uma empresa espanhola, adaptado para países de língua portuguesa, pois a Editora Moderna foi adquirida em 2011 pela editora espanhola Santillana.

É o que chama atenção a tese de doutorado da pesquisadora Célia Cristina de Figueiredo Cassiano, intitulada: “O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol. (1985-2007) analisando a inserção das editoras espanholas em países da América Latina e do caribe, a partir de 1980, no caso do Brasil mais tardiamente, a partir de meados da década de 1990, apresentando um mercado altamente atrativo para as empresas espanholas, destacando dois motivos essenciais: 1) a política de avaliação e aquisição dos livros didáticos (o PNLD) pelo alto investimento em educação pública no país, os livros didáticos compreendem um mercado muito rentável. 2) a fácil inserção da língua espanhola, pela facilidade de compreensão e sua implementação no currículo nacional da educação básica. (CASSIANO, 2007, p.127).

É importante ressaltar que, não são citados outros historiadores responsáveis na produção da obra além de Maria Raquel Apolinário. Portanto, não podemos identificar a formação profissional dos demais envolvidos na elaboração das coleções.

Dessa maneira, podemos descrever visualmente um panorama geral dos aspectos descritos de cada coleção.

Temos:



Capítulo 04- Eixos de análise

4.1- Eixo 1- Historiografia

Trabalhar com um livro que aborde apenas um tipo de versão da historiografia, em primeiro momento parece menos complicado e mais atraente. No entanto, devemos considerar que o livro didático, em grandes casos, será a única fonte de leitura que alguns alunos terão ao longo de sua vida estudantil.

É exatamente nesse momento que reside o perigo de uma “história única”, conceito que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie traz ao longo dos 18 minutos e 43 segundos do vídeo produzido no TED realizado no ano de 2009 e, posteriormente, publicado no Youtube⁴, para explicar que reduzir toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto a um só aspecto, se formata a partir da construção da história única. Se o conteúdo não for bem abordado com diferentes fontes e versões poderão transmitir ao estudante uma versão incompleta da nossa disciplina ou até mesmo uma única verdade que jamais poderá ser questionada.

Nesse sentido, algumas obras didáticas nos apresentam a historiografia de maneira simplificada meramente explicativa. Certamente fruto de escolhas, que como nós, as editoras também fazem.

João Fragoso ressalta a existência de diversos sistemas agrários pré-capitalistas, inseridos num contexto mais amplo de criação reiterada de sistemas agrários escravistas e mercantis, caracterizado pelo domínio do trabalho escravo, do mercado restrito, da reprodução extensiva e da subordinação da agricultura à acumulação mercantil. Este processo de criação gerou, na fronteira, um sistema agrário que estaria ligado ao abastecimento interno e que possuiria alguns traços básicos da sociedade escravista. (FRAGOSO, 1990, p. 141)

Partindo dessas reflexões, é possível observar a historiografia referente ao tema “**economia colonial brasileira**” da seguinte forma em cada obra:

História, sociedade e cidadania expõe o conteúdo baseados na economia de plantation, escravista e mineradora como principal fonte de renda na colônia. Não se preocupa em enfatizar a sociedade complexa, se baseia no pacto colonial, com um olhar desprezioso para outros trabalhadores livres.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>

História e vida integrada aborda uma historiografia bastante tradicional, em que a sociedade colonial apresenta-se dividida em senhores e escravos. Já no tocante do tema principal, se sustenta em uma veia do pacto colonial, sistema de plantation e mão de obra escrava (sistema agrário e monocultura). Tendência que constantemente vem sendo questionada por diversos historiadores contemporâneos.

Nessa obra, apesar de tratar o escravo como mão de obra predominante não o apresenta somente como uma vítima submissa, de um sistema opressor, mas sim como um símbolo de luta e dotado de cultura.

História em documento trata a exploração comercial do Brasil e comércio de escravos como a principal fonte de riqueza de Portugal. Ainda tem como base historiográfica a principal ideia de uma economia escravista e da monocultura, ou seja, a antiga forma de generalização econômica.

História temática apesar de ter como característica preponderante abordagem do assunto de modo diferenciado, em que introduz o aluno em um movimento de reflexão e sensibilização histórica e por vezes impulsionar o mesmo a ter uma visão menos passiva da sociedade que o cerca.

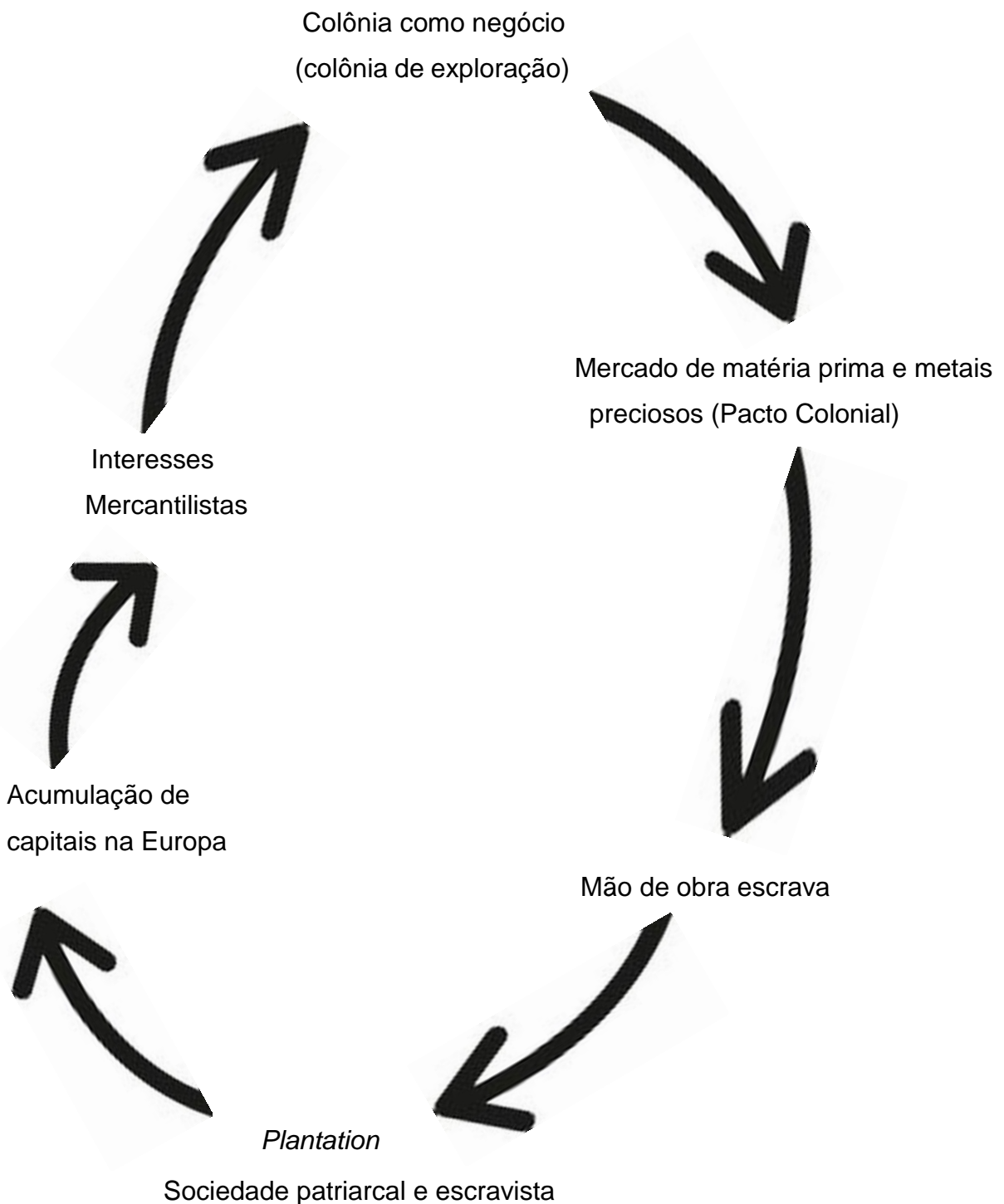
No entanto, a historiografia é apresentada em um eixo muito próximo das descritas acima, apesar de que os próprios autores afirmam: “não possível reconstruir a vida no Brasil colonial exatamente como acontece”. Ou seja, tende a um debate sobre como poderá ser realizada essa abordagem, enfatizando toda a complexidade que o tema envolve.

Vontade de saber história: destaca o Brasil como único e exclusivamente colônia de exploração, e aborda as mesmas, sem novidades em relação ao viés interpretativo historiográfico, acaba por observar as mesmas pautas das demais obras, citadas acima.

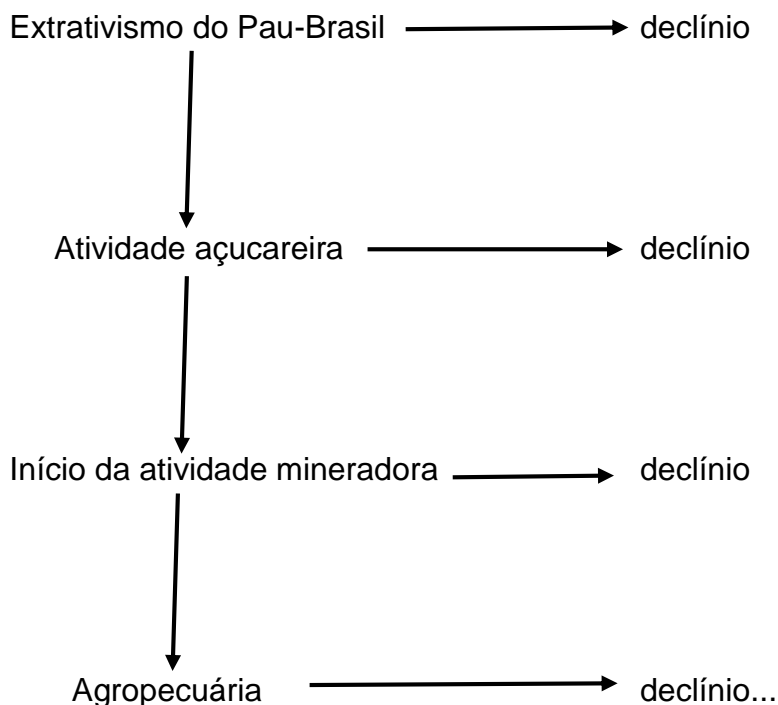
História em projetos ressalta a monocultura da cana-de-açúcar como principal fonte de riqueza e a mão de obra escravista como única forma de trabalho. Curiosamente o capítulo 04 se intitula como “Sociedade Patriarcal escravocrata: os nativos e os africanos escravizados.” Para essa obra a sociedade começa a se tornar complexa a partir da mineração, em que pela primeira vez entram em cena os profissionais liberais (artesãos, comerciantes e escravos forros). É perceptível o quanto a atividade aurífera trouxe uma maior integração do território, além de novas relações econômicas como a pecuária e o comércio.

Projeto Araribá intensifica a abordagem principalmente em aspectos do pacto colonial como um fator único e exclusivo da sociedade colonial. Trata a economia, ora como monocultura, ora como extrativista, em que a mão de obra predominante é a escrava.

Todas as obras sem exceção abordam um único viés historiográfico, em grande parte reduzido e dentro da lógica circular reducionista. Conforme o exemplo:



O conceito de simultaneidade por vezes é deixado de lado, apresentando para o aluno ciclos, como por exemplo:



Ou seja, interage de maneira com que o aluno pense que tais atividades não ocorriam de modo simultâneo e sim que cada qual teve seu momento de auge e logo depois caiu a ponto de sumir.

4.2- Eixo 2- Imagens:

Sabemos que a fotografia é um instrumento de memória e as imagens trazidas pelo livro didático também têm essa função. Ao analisar as imagens nos livros didáticos, devemos levar em consideração que assim como os textos, são elementos de problematização, e devem conter trazer uma e não apenas ser “decorativa”, “representacional”, “organizacional” de um texto, pior para o estudante meramente ilustrativa. Dessa maneira, o uso de imagens se apresenta da seguinte maneira em cada coleção:

História, sociedade e cidadania: nessa coleção as imagens um caráter meramente ilustrativo, com exceção dos mapas que se apresentam de modo informativo. Há no livro, muitas pinturas canônicas ao lado de fotografias atuais, com

o intuito de realizar um diálogo entre passado e presente. No entanto, as imagens não são em momento nenhum trabalhadas como fonte.

Tanto no 7º ano quanto no 8º ano, o lugar enunciador do olhar por trás da fotografia não é definido; as imagens atuais de índios, por exemplo, são sempre em florestas, interagindo com suas tribos. O que nos levar a pensar no perigo da “história única” em que possivelmente o aluno não considerará a situação indígena atualmente.

Outro importante fator que nos chama atenção é a presença de uma série de imagens supérfluas, nos quais são citadas como fonte de verdade, como se descrevesse uma cópia fiel do passado colonial.

Ao trabalhar com essa obra, o professor deverá ter maior sensibilidade e utilizar de aportes historiográficos para inferir o aluno em uma visão crítica sobre o uso de imagens, caso contrário, o uso desse artifício será em vão.

História e vida integrada: em ambos os livros da mesma coleção, as imagens adquirem uma figura ilustrativa e informativa. Existe a tentativa de uma problematização em que algumas imagens são colocadas, porém esse questionamento acaba por cair em perguntas de cunho interpretativo e de pouco exercício intelectual.

As legendas, por sua vez trazem limitadas informações e por isso ao trabalhar com essa coleção, o professor deverá junto ao aluno indagar as imagens, através de atividades dinâmicas, que envolvam o uso de imagens.

História em documento: nessa obra as imagens passam de um caráter meramente ilustrativo para uma compreensão maior do aluno, que exige maior exercício reflexivo por parte do estudante. Os mapas ocupam lugar de destaque em diversas atividades.

É interessante que pela primeira vez, até o momento, as imagens estão dispostas para o aluno com o título de “documento”. Há uma tentativa de questionamento, no entanto deixa a desejar exatamente pelo tipo de questão que faz ao aluno.

História temática: essa obra aborda uma maior preocupação com o social e o político, que há no ensino de História e nesse perfil as imagens possuem papel fundamental.

O capítulo 05, que abre o tema do Brasil Colonial apresenta na página inicial diferentes imagens atuais de diversas crianças inseridas em diferentes locais do Globo, ressaltando seus costumes, tendo assim a intenção de mostrar o quanto à

convivência entre pessoas distintas pode ser complexa, quando tentamos sobrepor à força a cultura e costumes de outros povos.

Outro exemplo interessante é que diferente mente do livro “História, sociedade e cidadania”, essa obra também apresenta uma imagem do Pau- Brasil, no entanto, a imagem contém uma legenda com informações pertinentes sobre o assunto.

O uso de imagens clássicas como Rugendas e Debret, existe. No entanto, não possui a intenção de transformá-las em uma visão absoluta sobre determinado fato, ao contrário, o aluno é levado ao questionamento sobre a força que tal imagem possui sobre a memória que se constrói sobre determinado acontecimento ou pessoa.

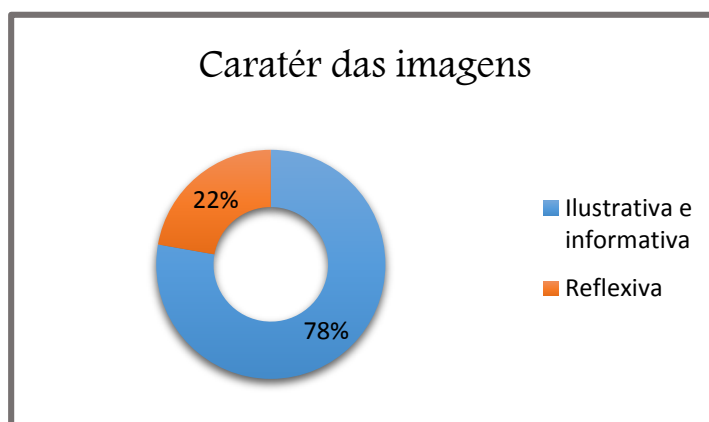
Vontade de saber história: apresenta muitas imagens em diversas dimensões, sendo em grande parte extensas, ocupando quase que uma página inteira. As figuras recebem o nome de fonte, mas são utilizadas de modo interpretativo do conteúdo abordado. Têm como objetivo estabelecer relação passado e presente, sem grandes reflexões, em que não garantem tais esforços por parte do estudante. As legendas por sua vez, trazem insuficientes informações. As imagens de revezam, ora ilustrativas (entretenimento), ora como fixação do conteúdo.

História em projetos: os perfis das imagens são de cunho informativo e objetivo. Aparecem ao longo da exposição do conteúdo com extensos mapas e tabelas comparativas. As imagens são tratadas como documentos, todavia assumem uma postura ilustrativa em que se dedica a ilustrar o tema. Ou seja, a coleção deixa a desejar tanto quanto nas demais obras citadas acima no quesito problematização das imagens como fonte histórica, embora possuam boas legendas como ampla ligação do conteúdo discutido e com uma dimensão ideal.

Projeto Araribá: as imagens são utilizadas em um ponto estratégico: no final de cada texto expositivo normalmente com uma grande dimensão e em alguns pontos observamos do lado esquerdo com uma dimensão menor a fim de dialogar com estudantes. É importante ressaltar que todas apresentam legendas, como nome do autor, uma breve explicação e a data, seja da fotografia, pintura, etc.

No que diz respeito à explicação que a imagem apresenta é algo bem breve, na maioria das vezes torna-se “enfeite” do texto apresentado, com pouca inclinação para a contemporaneidade, são bem canônicas e tradicionais, como as pinturas e representações de Jean- Baptiste Debret, Pedro América, Manuel Dias de Oliveira, François Froger, entre outros.

Dessa forma, se considerarmos as informações citadas acima e transformá-las em dados quantitativos teremos como perfil das imagens os seguintes dados:



Percebe-se que, o uso da imagem deve ser significativo, deve ter intencionalidade, é necessário ter qualidade. É preciso, também, se perguntar: o uso que faço desse instrumento, realmente auxilia o meu aluno nesse processo? Ele realmente aprende? De que maneira as imagens que passam por nossos olhos nos afetam ou refletem aspectos da sociedade em que vivemos?”

Assim, em algumas obras a intencionalidade das imagens apresenta lacunas de referência, contudo se expressa de maneira constante com o texto, como nos indica Le Goff (1993), quando afirma que a História, para ser escrita, se vale de uma série de fontes que incluem desde documentos oficiais, até notícias na imprensa; da história oral, até o uso de imagens; de artefatos pré-históricos até as mídias mais avançadas da atualidade.

4.3- Eixo 3- Atividades e problematização do tempo presente

O trabalho sobre esse eixo foi feito por questões de compreensão que tiveram como critério análise de categorias propostas por Marcuschi (2001), conforme a pesquisadora e autora do artigo “Letramento e ensino de história: os gêneros textuais no livro didático de história” Carmi Ferraz Santos organiza: “classificamos as questões de compreensão em pelo menos três tipos: **objetivas, inferenciais e globais**. 1) As questões objetivas são aquelas que requerem do sujeito que lê que este apenas seja capaz de levantar informações objetivamente inscritas no texto. 2) Já as inferenciais exigem do leitor conhecimentos textuais, enciclopédicos, bem como regras inferenciais e análise crítica para a busca de respostas. 3) As perguntas do tipo globais

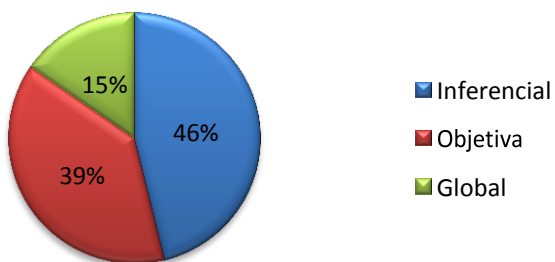
para serem respondidas exigem que o sujeito considere não só o texto como um todo, assim como também os aspectos extratextuais.” (p. 792).

Foi realizado um mapeamento de todo conjunto de atividades de cada obra, por denominação das tarefas propostas para os alunos. O quadro abaixo é um exemplo de como foi feito o levantamento de dados qualitativos, posteriormente transformados em quantitativos.

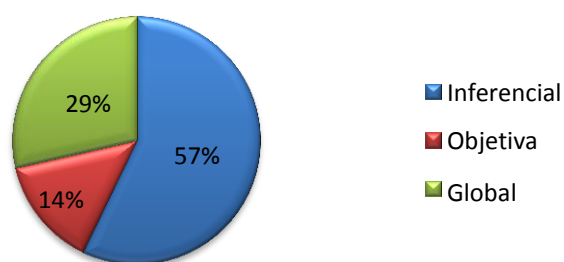
História, sociedade e cidadania- (8º ano)	
Cap. 3- a sociedade mineradora	
Imagem associada a algum tipo de reflexão	Inferencial
Dialogando	Global e Inferencial
Atividades	Objetiva
Atividades de aprofundamento	Inferencial
O texto como fonte	Inferencial
A imagem como fonte	Global

Vale ressaltar que algumas atividades apresentaram dois tipos de classificação em um mesmo conjunto de denominação. De acordo com o perfil dos exercícios, temos:

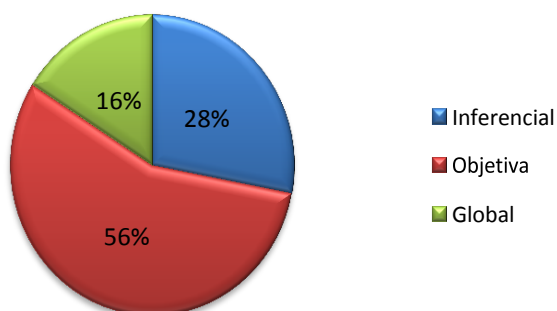
História, sociedade e cidadania (7º ano)



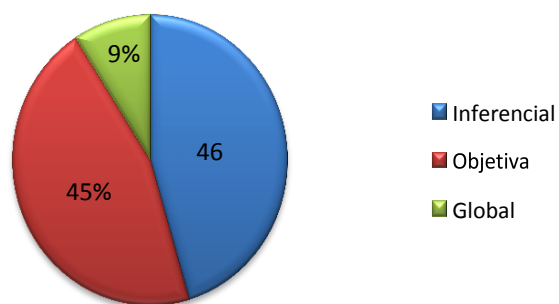
História, sociedade e cidadania (8º ano)



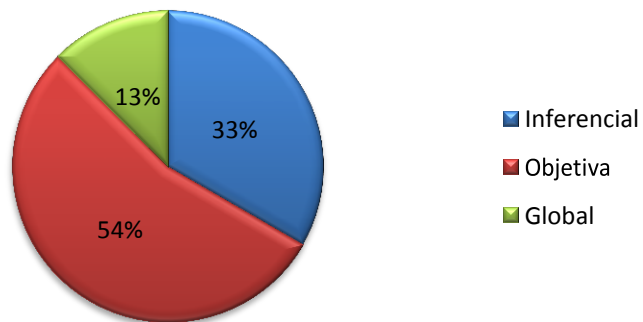
História e vida integrada (7º ano)



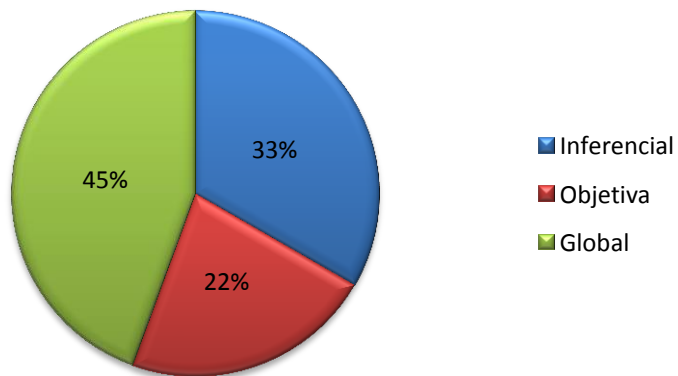
História e vida integrada (8º ano)



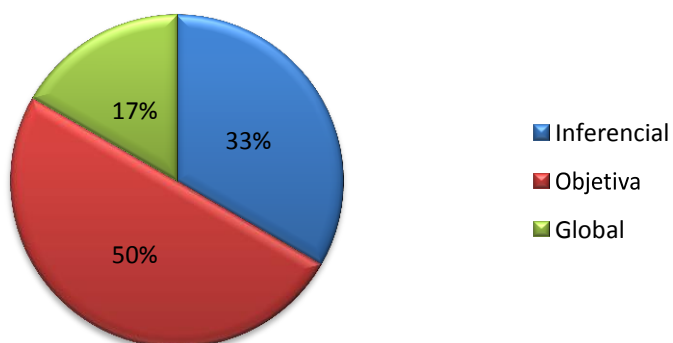
História em documento (7º ano)



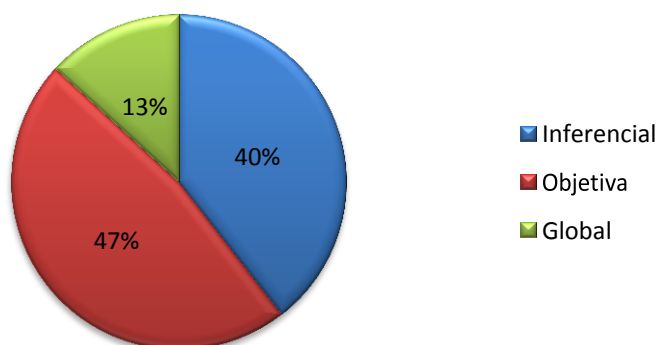
História Temática (7º ano)



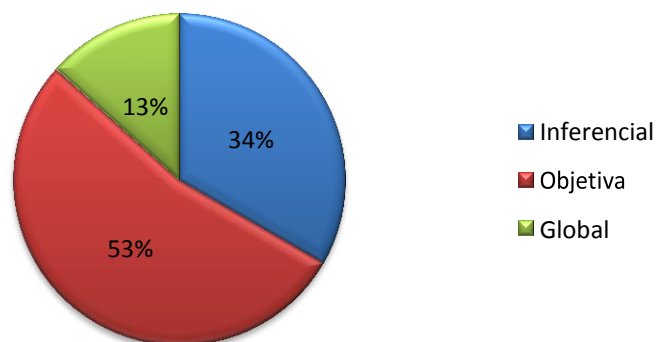
Vontade de saber (7ª ano)



História em projetos

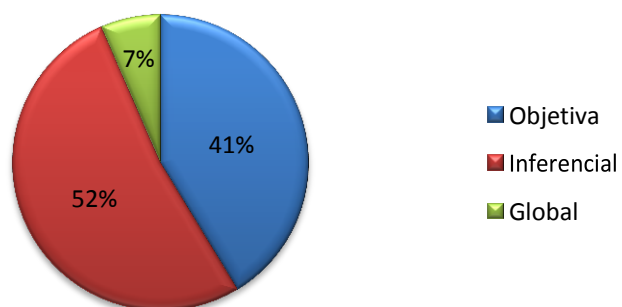


Projeto Araribá



Realizando um balanço geral dos dados citados acima, percebe-se que:

Tipos de atividades predominantes: total de 09 exemplares



De acordo com os gráficos acima, podemos perceber que os livros História, sociedade e cidadania do 7º ano e do 8º ano contemplam quase que o mesmo número de dados referentes às atividades, destacando uma preocupação para o tipo de atividade global. Projeto Araribá e História em projetos possuem a mesma porcentagem no quesito Global (13%), entretanto, se chocam nas demais classificações.

É interessante, que a única obra que assume um modelo global de atividades é a História Temática com 45%. A coleção com todas as suas particularidades, se mostra interessada que “o sujeito considere não só o texto como um todo, assim como também os aspectos extratextuais.” (SANTOS, 2007, p.792)

É possível perceber que todas as obras possuem variações em como uma classificação sobressai à outra. Não foi identificada nenhuma obra que apresente uma proporção nos tipos de atividades que incluam tanto objetiva, inferencial e global em porcentagem similar. Todas se destoam, cada uma possui alto índice de uma desses três tipos de categorização.

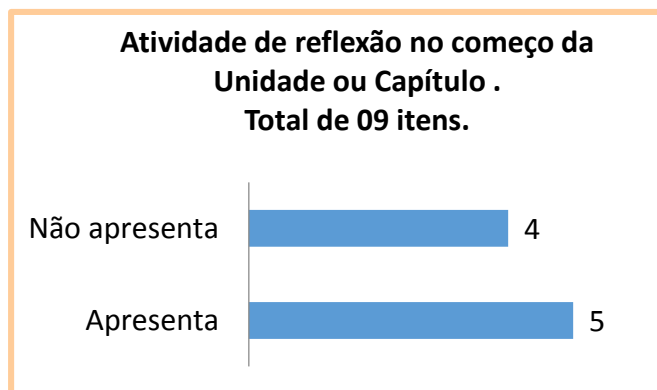
Nem todos os livros seguem o mesmo modelo de denominação das atividades. Algumas obras “perdem” o padrão nas denominações do tipo de exercício proposto, podemos especificar o caso da História em Documentos, utiliza títulos como: análise de mapa econômico, transposição do conhecimento, trabalhando o tempo histórico, etc.

Evidentemente o estudante não vai se “perder”, pelo fato da denominação das atividades sofrerem modificações. É interessante que interrompe esse modelo de seguir uma mesma linha de modelos de atividades. Contudo, obras como História Temática, História em Projetos, e História e vida integrada em nada se diferem na forma como sugere as atividades, possui a mesma caracterização de proposta para o aluno em todas as unidades.

Ao realizar a classificação das atividades utilizando gráficos, tivemos com distinguir através dos gráficos comparativos o “peso” como que cada tipo de atividade está presente nos livros didáticos e de que maneira propõem uma reflexão ou não.

É importante destacar como cada obra apresenta as atividades na exposição do conteúdo.

No que diz respeito ao um envolvimento de diálogo com o aluno ao começar cada unidade ou capítulo, temos os seguintes dados:



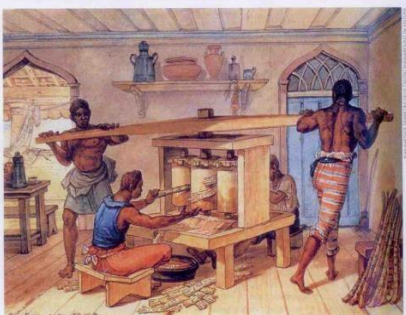
Se o livro não se preocupa em problematizar o conteúdo ao apresentar o assunto que será abordado, possivelmente o estudante terá dificuldades para criar analogias com a sociedade em que ele está inserido, as mutações dos objetos sociais e localização temporal.

Sobre a organização das atividades, Um exemplo muito nítido de que a obra não propõe um diálogo entre conteúdo (texto) e atividade é o Projeto Araribá. Possui uma “bateria” de exercícios somente no final dos “Temas”. Em geral, as atividades não apresentam capacidade de dedução, são restritas ao conhecimento apresentado pelo livro didático e na maioria dos casos não apresentam um exercício que intensifique o questionamento do estudante ou que o leve a pesquisar fora da sala de aula.

Algo que não ocorre na obra História em projetos. Apesar de manter um padrão único na estrutura de atividades, tende a se preocupar em problematizar o que o aluno está lendo, seja através de documentos, tabelas e mapas. Mesmo é o caso da História Temática que assume a palavra “Tema” em suas atividades e insere o estudante em um contexto de refletir sobre o tema, dessa forma, a palavra “Tema” adquire uma proposta de reflexão e não de estratégia de marketing, como é o caso do Projeto Araribá.

Sobre o quesito problematização das atividades, vimos nos gráficos que poucas são as editoras que tendem a esse posicionamento, em que assume um papel de fazer com que o estudante seja levado a um movimento de contextualizar e compreender o que está sendo proposto. Nesse sentido, um tipo de exercício proposto em duas obras diferentes pode ilustrar bem essa situação.

CONCLUIR & APBENDER



O artista Jean-Baptiste Debret representou, neste quadro produzido no século XIX, indivíduos na condição de escravos trabalhando na produção de açúcar.

Na segunda metade do século XVI, os portugueses passaram a cultivar cana em grande escala e a produzir açúcar, produto de alto valor comercial na Europa. A cana era esmagada em moendas, como mostra o quadro, movimentadas pela força humana. Havia também moendas movidas por tração animal ou pela força da água.

- 1 Observe o quadro de Debret: Que parte do processo de fabricação do açúcar está sendo representada?
- 2 Escreva um pequeno texto explicando as etapas de produção do açúcar em um engenho.
- 3 Compare esta imagem com a que aparece na página 170, de autoria de Frans Post:
 - a) Qual dos dois engenhos parece maior?
 - b) Qual a energia motora utilizada para fazer girar a moenda?
 - c) Qual desses engenhos parece ser mais produtivo?
 - d) Descreva os trabalhadores representados em cada um desses quadros.

História e vida integrada (7º ano)

A imagem como fonte

Ver comentário sobre a imagem no Manual do Professor, página 112.

Observe com atenção a imagem abaixo. O que ela mostra? O que essas pessoas estão fazendo? É possível saber qual a condição delas? Onde essa cena se passa? Quem é o autor da imagem? Quando e onde terá sido produzida? Anote suas observações e os detalhes que mais chamaram sua atenção.



Escreva um pequeno texto descrevendo e comentando a imagem.

História, sociedade e cidadania (7º ano)

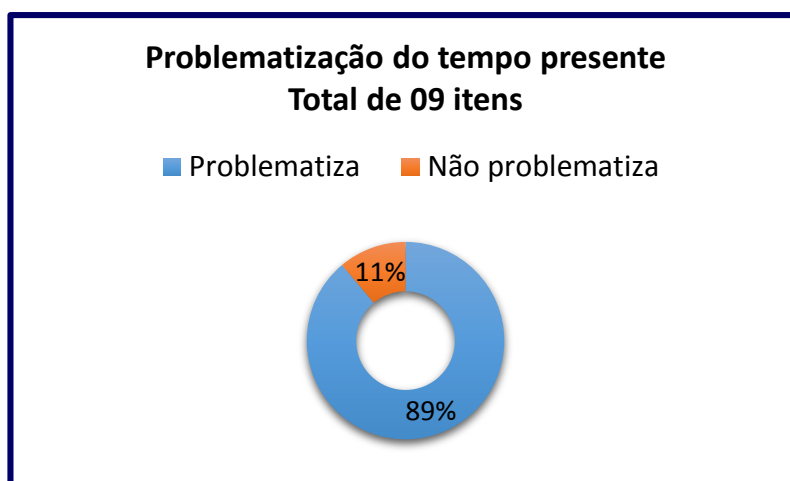
Algumas informações a serem consideradas: História, sociedade e cidadania (7º ano) não possui legenda na imagem, logo o aluno não saberá em que período histórico esse quadro está inserido, quem é o autor, até mesmo o que o pintor considerou para fazê-la. Mesmo sendo uma imagem tradicional em livros didáticos, está solta no meio da atividade. Dados que podemos observar que possuem no "História e vida integrada" (7º ano).

Contudo, o modo como se propõe a atividade nos dois livros é distinta. História, sociedade e cidadania (7º ano) insere o estudante em um movimento de reflexão sobre quem são os agentes sociais daquela pintura, já História e vida integrada (7º

ano) torna-se uma atividade de cunho meramente descritiva, basta o estudante recorrer às páginas anteriores do mesmo livro que facilmente encontrará as respostas para a tarefa.

Outro ponto muito importante a ser analisado é a conexão passado e presente e a problematização do tempo presente. De que forma as obras se submetem as atividades a trazerem esse tipo de reflexão? De certo modo, todas as obras tendem a estabelecer conexão passado/ presente nas tarefas, algumas têm como característica fundamental demonstrar esse tipo de interesse, como o História Temática. Outras menos, como o livro História e vida integrada.

Sobre a problematização do tempo presente, temos:



Para realizar esse gráfico, tivemos como dados principais os livros cujo objetivo é buscar um olhar para o questionamento do tempo presente. Em alguns casos esse critério não foi constante. Obras como História, sociedade e cidadania- (7º ano), História, sociedade e cidadania- (8º ano), História e vida integrada (7º ano), História e vida integrada (8º ano), Vontade de saber e Projeto Araribá, não problematizam o tempo todo, podemos considerar poucos exercícios que pusessem essa intencionalidade. Alguns exemplos:

“Explique como um acontecimento histórico pode ser representado de maneira diferente.” (Vontade de saber);

“Pode-se dizer que existe igualdade na distribuição das terras brasileiras?” (História em projetos);

“Opine: o que deveria ser ensinado em uma escola indígena? Justifique.” (Projeto Araribá).

Um livro que não assume essa responsabilidade de indagar o tema e refletir sobre ele, que não envolva os estudantes, cairá sempre na mesmice de “copiar e colar”. O que deixa? Nada. Pois a memória é seletiva; guarda relação com prioridades, escolhas, lembranças, esquecimentos e, sobretudo, com as fontes de informação.

Considerações finais

Todo profissional educador do campo da História sabe que buscar ancoragem nas mais variadas correntes historiográficas é primordial para que ele possa exercer com qualidade seu ofício. Caso contrário, qualquer pessoa com capacidade interpretativa em um livro didático poderia facilmente ser um professor de História, e o objetivo não é esse.

Infelizmente muitas pessoas ainda consideram que a disciplina de História se baseia somente na narrativa factual, quando, no entanto, nós sabemos que vamos muito, além disso. Podemos rever constantemente o passado dependendo da pergunta que se faz no tempo presente. Não podemos então, basear somente em uma via de pensamento, acarreta estereótipos, tanto na nossa mente quanto na dos estudantes.

A conscientização e o empenho profissional dos futuros professores de História, deve ser em buscar as mais diversas correntes historiográficas, desconstruir as “versões únicas” que estão submetidos desde muito cedo, por fatores culturais e sociais, além de sempre levar em consideração que livro didático assume uma postura mercadológica anulando essa imagem de “candidez” com que na maioria das vezes o encaramos.

Ao realizar o processo de análise de cada obra e posteriormente compará-las, busquei verificar as especificidades de cada um em questão. Tal tarefa requer comprometimento, atenção, sensibilidade, envolvimento e principalmente um olhar crítico que só poderiam ser percebidos, através de uma disciplina que tem como característica fundamental a formação de professores com esse olhar e compreensão.

Nesse sentido, podemos considerar que:

O material didático, pela importância que adquire como “documento”, para o aluno, forma concepções e provoca construções históricas que serão aquelas que constituirão a base de sua consciência histórica. A percepção do tratamento dispensado aos temas constitutivos da história ensinada, presentes nos livros didáticos, nos programas e nas propostas, leva à compreensão da seleção de conteúdos e das razões para a sua seleção – cada um dos conteúdos listados representa pensamentos e propostas políticas, ideologia e visões de mundo. (ABUD, 2013, p. 11).

Dessa maneira, compreendo agora, quando a professora Sonia Miranda falava para a turma: “se for para ficar refém, que seja de mais de um livro didático, pois ao capturar as diferentes abordagens e formas com que o mesmo conteúdo é abordado vamos aprendendo e ensinando o aluno a historiar”.

Nenhum livro é perfeito em sua totalidade, pois não é ingênuo, e talvez esse tenha sido o principal interesse desse trabalho- desconstruir a visão de material que responderá todas as perguntas para nossos anseios enquanto professores. Cabe a nós no exercício das atividades diárias, exercer a sensibilidade e muitas das vezes, boa vontade de complementar seu objeto de trabalho, sendo que por trás do livro didático existem estereótipos que só podem ser percebidos e desconstruídos através do um olhar sensível do profissional.

Referências bibliográficas

ALVIM, Y. C.. *O livro didático na batalha de ideias: vozes e saber histórico no processo de avaliação do PNL D*. In: IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2009, São Carlos. Pesquisa em Educação no Brasil: Balanço do século XX e desafios para o século XXI, 2009. Disponível em: http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/disserta%C3%A7%C3%A3oyara_alvim.pdf

Acesso em 24 nov. 2017.

ABUD, K. M. . *História: que ensino é esse?* In: Marcos A. da Silva. (Org.). Campinas-SP: Papyrus, 2013. 367p.

BITTENCOURT, Circe Maria. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo; Contexto, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. (2010), *Guia de livros didáticos PNL D 2011: História*. Brasília, MEC.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. (2007), *Mercado do Livro Didático no Brasil: do Programa Nacional do Livro Didático à entrada do capital internacional espanhol (1985 a 2007)*. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade Católica de São Paulo.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022004000300012>Acesso em: 03 set.2017.

FRAGOSO, João Luís. *O império escravista e a república dos plantadores*. In: LINHARES, Maria Yedda L. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

LAJOLO, M. *Livro didático: um (quase) manual de usuário*. Em Aberto, Brasília, v. 16, n. 69, jan./mar. 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo; Editora da Unicamp, 1993.

MARCUSCHI, L. *A Compreensão de texto: algumas reflexões*. In: DIONOSIO, A;

MIRANDA, Sonia Regina & LUCA, Tania Regina de. (2004), “*O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD*”. *Revista Brasileira de História*, vol.24, n. 48, p.123-144.

OLIVEIRA, Sara. *Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira*. *Trab. linguist. apl.* vol.47 no.1 Campinas Jan./June 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000100006> Acesso em em: 05 nov.2017.

SANTOS, Carmi Ferraz. *Letramento e ensino de História: os gêneros textuais nos Livros Didáticos de História*. In: 4o. Simpósio Internacional de estudos de gêneros textuais, 2007, Tubarão. Anais ... SIGET, 2007. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/33.pdf>.> Acesso em: 03 out.2017.